

“Os conhecimentos não têm fronteiras”. Uma homenagem a Feliciano Lana

Samir Ricardo Figalli de Angelo

O título desta homenagem foi a frase que sempre ouvia de meu professor Feliciano Lana quando lhe perguntava sobre a circulação dos conhecimentos indígenas.

Uma das formas de homenagear uma personalidade que contribuiu efetivamente para um campo de estudos é pela circulação ou exposição de seu significativo trabalho. Muito já se falou sobre *Sibé* ou Feliciano Pimentel Lana, falecido em doze de maio deste ano, e há muito mais que poderia ser dito. Pensando na forma ou técnica preferida de Feliciano em se expressar, penso homenageá-lo por continuar na divulgação do seu trabalho.

Com Feliciano aprendi que as narrativas míticas operam juntamente com os desenhos enquanto um sistema integrado de conhecimentos ao invés de representativo. O ato do olhar mobiliza um saber adquirido do observador que vai além de decifrar imagens simbólicas, e envolve um aspecto reflexivo. A preocupação de Feliciano ao produzir sua arte plástica, que se encontra espalhada pelo Brasil e por países da Europa, era que ela atingisse dois públicos. Para o público não indígena, as imagens de objetos rituais, cestaria, malocas que aparecem em muitos de seus desenhos visam dar acesso ao conhecimento mitológico indígena. Por outro lado, para os grupos tukano, imagens de bancos, cuias, cigarros e seus suportes aludem diretamente às narrativas míticas da criação do mundo, da humanidade e, principalmente da constituição de seus corpos, que compreendem estes mesmos objetos. Seus desenhos e pinturas retratam objetos rituais cobertos por densas camadas de significado. Estas camadas são provenientes dos mitos e dos benzimentos e se relacionam intrinsecamente com a vida humana. Em detrimento do seu sentido simbólico, representativo ou conceitual, o trabalho que este artista apresenta ressalta a capacidade dos ancestrais míticos de produzirem efeitos no mundo ao invés de representarem a sua imagem.

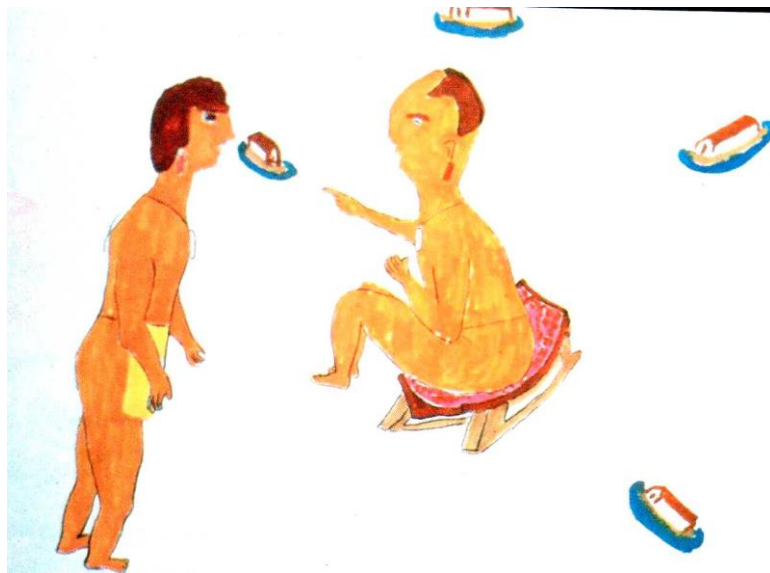
Feliciano tinha a sua própria metodologia de ensino, a qual procuro reproduzir abaixo. Inicialmente, partia para a apresentação dos desenhos e pinturas que se

relacionavam com o próximo passo, a narrativa mítica, seguida do benzimento que era composto por elementos e ações desta mesma narrativa e arte plástica.

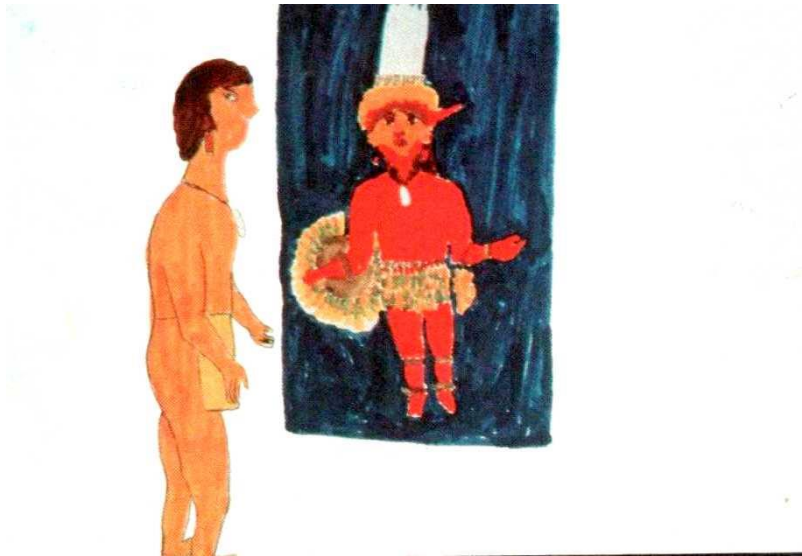
Agradeço profundamente a este professor que com afinho, paciência e cordialidade muito me ensinou sobre o pensamento dos Desana do noroeste amazônico através de sua arte. A humanidade perdeu muito com a morte deste guardião e embaixador dos conhecimentos indígenas.

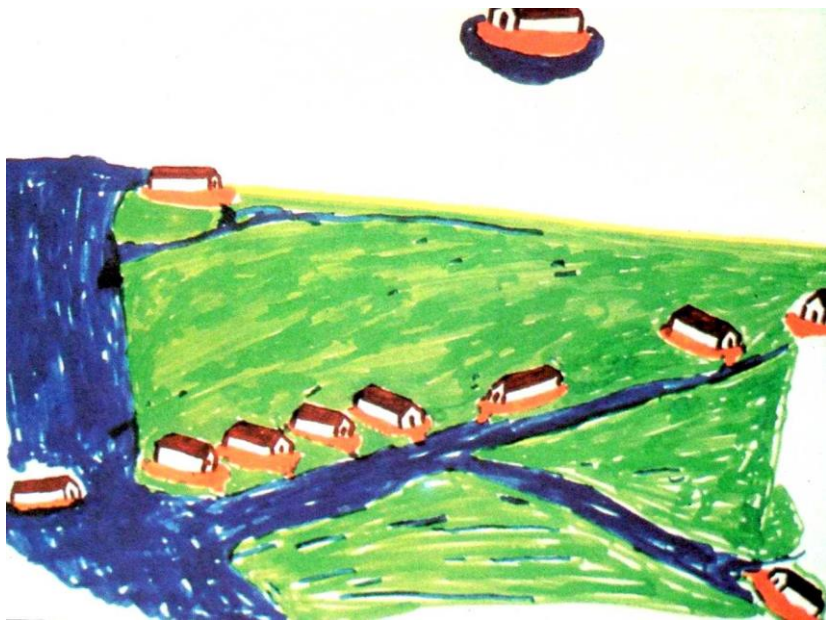
O Começo Antes do Começo















A avó do mundo (*umuko nhekó*), *Yebá Buró*, habita o quarto de quartzo, local em que não há necessidade do sol, pois o quarto de quartzo se ilumina por si mesmo. *Yebá Buró* ficou sentada no banco da vida (*sehro*). Seu alimento é ipadu (*api*), cigarro (*muriokó*), cuia de pó de milho (*roca poga kwairo*) e cuia de tapioca (*roca poga kwairo*). *Yebá Buró* estava sozinha, sem companheiros, sustentando o mundo. Sabia que existiam cinco trovões (*bupú*) da terra: o trovão do norte, do sul, do leste e do oeste e aquele que habita os céus. Poderosa, a avó do mundo resolveu reunir os primeiros quatro trovões a fim de criar a humanidade.

O mundo é uma maloca (*wíi*) gigante assim como o ventre da mãe é o universo. Os trovões fizeram os benzimentos (*bayiri*) nesta maloca. À noite, todos saíram da maloca fazendo os ritos de transformação. Cada um iria fazer um ritual para fazer aparecer a humanidade. O trovão do oeste foi o primeiro: fez o rito de transformação, cantou, dançou e benzeu. Mas, em vez de aparecer a humanidade na terra, este trovão cresceu muito e se transformou em uma montanha grande. Ele se transformou nos Andes.

Ao verem isso acontecer, os outros três trovões ficaram temerosos e junto com *Yebá Buró* desistiram e ela voltou para o quarto de quartzo. *Yebá Buró* começou a fumar, benzer e comer ipadu. Através de seu próprio poder, criava seu cigarro, seu ipadu. Nas suas visões, descobriu que existem outro ser no espaço e pretendia trazê-lo para junto de si. Por meio do *bayiri* da transformação novamente para acolher aquele ser que viu.

Ao terminar, soltou a fumaça para cima. Do alto, o ser veio descendo, pela fumaça, e ficou ao seu lado. Cumprimentou-a como a avó do mundo (*umuko nhekó*) e ela o chamou de o

neto do mundo (*umuko soniparami*). *Yebá Buró* explicou que estava sozinha, e embora tivesse poder, precisava de um homem para criar a humanidade.

Seu nome é *Yebá Goãmu*, o criador da humanidade. *Yebá Buró* lhe explicou que há quatro trovões que tem conhecimento e os materiais necessários para criar a humanidade para habitar a terra. Mandou o neto a eles para pedir sua ajuda. *Yebá Goãmu* encontrou o trovão do sul, pediu material e poder para criar. Ele disse que não tinha, mas que provavelmente o trovão do céu poderia ajudá-lo. Antes, ele visitou os outros três trovões e todos disseram a mesma coisa. Diante disso, *Yebá Buró* disse que como mulher, ela não poderia ir até lá, mas não haveria problema se ele, como homem, fosse. Para subir ao alto, era necessário que ela fizesse o mesmo *bayirí* que ela fez para atrair-lo à sua presença. Ambos benzeram o mesmo cigarro. Quando sopraram a fumaça do cigarro, *Yebá Goãmu* se dirigiu ao trovão do céu por meio dela.

Na maloca do trovão do céu, *Yebá Goãmu* encontrou muitos enfeites. Diferentemente dos outros trovões, que em suas malocas não haviam enfeites, a do trovão do céu estava repleta deles. Quando entrou disse: *Sôoouu!* – esta é a forma ritual de cumprimentar quando se entra na maloca. Desta maneira, *Yebá Goãmu* saudou o dono da maloca do trovão do céu e disse-lhe que veio pedir os materiais para criar a humanidade. Assim como na maloca hoje há uma mala de enfeites guardada em sua parte superior, o trovão do céu guardava os enfeites em cima, no alto da sua maloca. O trovão do céu que já o esperava, foi para um quarto e deixou o neto do mundo esperando na sala. Logo chegaram sozinhos em uma fila, flutuando no ar, o suporte de cuia de ipadu e sobre o ipadu havia muitos insetos e animais: formiga, jararaca, aranha e outros. Depois veio a forquilha de cigarro, que continha cigarros acesos, saindo fumaça.

Yebá Goãmu chamou o trovão e lhe disse que já possuía aqueles materiais que lhe foram apresentados dentro do seu corpo, e não precisava deles, pois havia sido benzido com o mesmo cigarro. Com respeito a cuia, disse que havia sido transformada em carne, osso e coração. Rejeitou novamente os objetos dizendo que já os possuía dentro de si mesmo.

Quanto à cuia de insetos, o trovão de céu esperava que *Yebá Goãmu* os comesse para criar a humanidade. Quando fumasse e fizesse o benzimento de transformação, a humanidade seria criada e seria eterna. Mas, *Yebá Goãmu* não o fez porque os insetos não morreriam nunca, se regenerariam ao trocar de pele e a humanidade, da mesma forma, nunca morreria. Ao rejeitar comê-los, *Yebá Goãmu* criou a morte para impedir que a humanidade vivesse eternamente.

Desta forma, o trovão do céu enviou de seu quarto outra fila de objetos. Eram enfeites chamados *bayá-buyá*. Desta vez, eram todos de ouro. Cada peneira vinha com o mesmo conjunto de objetos de enfeites. Agora, *Yebá Goãmu* os aceitou os enfeites para transformar a humanidade. Ficou muito tempo com o trovão do céu para aprender os *bayiris*.

O trovão do céu instruiu para que *Yebá Goãmu* levasse os materiais para *Yebá Buró* para que fossem benzidos por ela. Depois disso, *Yebá Goãmu* se dirigiu para o quarto de quartzo. Mas, o trovão do céu estava preocupado com os materiais entregues para formar a humanidade. Preocupava-se com os resultados, pois sabia que no passado, os outros trovões haviam tentado e não foram bem sucedidos. Deu muitas instruções para utiliza-los e lhe ensinou como fazer os *bayiris*. Ensinou o procedimento para formar os homens e as mulheres, como salvar o parto, acalmar o trovão, a tempestade, como amansar os animais ferozes, as cobras, as piranhas, o pato, o tigre marinho, animais esses que são poderosos e imortais, de forma que a humanidade pudesse sobreviver, pois estes outros seres possuem seus *kumuá* e realizam seus rituais, suas festas de caxiris e dabucuris. Preocupado com tudo isso, o trovão do céu foi atrás de *Yebá Goãmu*. Transformou-se no “barco de transformação” ou “barco trovão” ou “cobra-canoa”. Sugeriu ainda que *Yebá Goãmu* escondesse as pessoas dentro de enfeites. Isso foi bom porque quando os animais encontraram o barco de transformação à procura de humanos, apenas viam os enfeites e não as pessoas que estavam dentro deles.

Contudo, quando *Yebá Goãmu* retornou para o quarto de quartzo, logo encontrou com *Yebá Boreká*. Isso porque *Yebá Goãmu* era chefe, cuidava da organização política e, portanto, não poderia acumular mais funções. Outra pessoa deveria cuidar dos *bayiris*. *Boreká* foi designado para proteger a humanidade. Aprendeu com o demiurgo *Warariguama* a ser pajé. Cheirou paricá (*abeierú*) e, durante a viagem, o utilizou para a proteção do barco de transformação.

Partindo finalmente do quarto de quartzo, o barco de transformação lavava consigo os enfeites (pessoas) junto com *Yebá Goãmu*, como o comandante do barco e *Boreká*, que atuava como protetor. Viajaram pelas profundezas da terra até que emergiram em *Diáupkhowí* ou Lago de Leite. Prosseguiram a viagem pelo litoral e adentraram pelo rio Amazonas, subindo até o rio Negro.

Como o barco não viajava pela superfície da água, mas na profundidade de um submarino, assim que parava pelo caminho, os viajantes construíam as malocas de transformação, também chamadas de casas de transformação. Quando paravam no local, os enfeites eram transformados em gente. Quando voltavam ao barco, se transformavam em enfeites novamente. Moravam por um tempo e depois retornavam ao barco para prosseguir viagem. Fizeram cerca de 50 paradas ao longo do trajeto. Contudo, muitos desciam do barco, mas não retornavam. Esses são os peixes e outras criaturas aquáticas que hoje atacam os humanos porque ficaram com raiva e inveja, por não serem humanos definitivamente.

O destino final da viagem foi a maloca central do mundo – *yabayábuí, dehkó mahkawíi*, chamada de Cachoeira do Ipanoré, localizada no rio Uaupés. Neste local, cada grupo aprendeu seus *bayiris*. Lá começaram a se tornar humanos definitivamente, inclusive o homem branco que estava no mesmo barco. Era o irmão menor deles.

Quando não se sabe aquele conhecimento profundo, a história é como se fosse romance. Quem não sabe história não pode rezar não.

Feliciano Pimentel Lana (1937-2020)